

Entre a criatividade e a especialização tecnicista

Conhecimento social

Pensar a sociedade contemporânea na sua totalidade, ou simplesmente tentar uma visão abrangente da condição humana nessa engrenagem em que se transformou a civilização industrial (ou pós-industrial), afiguram-se posturas anacrônicas aos promotores da ?especialização? nas ciências sociais.

Num texto publicado na década de 1980, sugestivamente intitulado «*O Quadro Internacional*», Celso Furtado, de início, pôs em realce algo nada irrelevante: a aceleração do tempo histórico como característica indelével da civilização industrial. Fazia isso para afirmar que a criação de conhecimento, ou melhor, de ?conhecimento especializado?, assumiu a forma de um «*processo industrial*», de tal modo que só os ?especialistas? não vêem que a visão que eles propagam da realidade em que estamos imersos é flagrantemente inadequada.

De facto. Tal «*processo industrial*» faz crescer o seu produto de forma exponencial, e transforma o conhecimento em ingrediente de conquista do poder, em suas diversas formas. O impacto de um desmesurado fluxo de informações nos sistemas de decisões e, a *fortiori*, no tempo histórico é algo que sequer podemos apreciar. Mas o problema situa-se precisamente por aqui. O conhecimento em pedaços. O olhar fragmentado. A perda de visão da totalidade dos processos. Isto é assim porquê a produção do conhecimento especializado sobre a sociedade funda-se no espírito analítico o qual, potencializado pelo êxito que alcançou nas ciências da natureza, procura dominar os diversos campos apropriando-se apenas das suas partes, recusando portanto uma apreensão/compreensão global da realidade histórica.

Podemos, dessa forma, entender a razão de ser tão pequena a sensibilidade contemporânea para os problemas específicos de um processo histórico em que está em causa não apenas as ?heranças culturais? da humanidade, mas algo mais concreto, mais material, isto é, a sobrevivência da própria humanidade. Com efeito, não se pode fugir de questões como, por exemplo, o equilíbrio ecológico e a polarização mundial entre sociedades que se permitem um desperdício crescente de recursos e outras em que é alarmante a carência do essencial. Contudo, estas não são questões devidamente alcançadas pelas abordagens regidas metodologicamente por focagens fragmentadas.

Pensar a sociedade contemporânea em sua totalidade, ou simplesmente tentar uma visão abrangente da condição humana nessa engrenagem que se transformou a civilização industrial (ou pós-industrial), afiguram-se posturas anacrônicas aos promotores da ?especialização? nas ciências sociais. A sujeição ao espírito analítico num contexto de aceleração do tempo histórico faz com que, frequentemente, sejamos prisioneiros de supostas visões que projectam a imagem de uma realidade que já não existe. E para se evitar mal-entendidos: não se trata somente de insuficiência na actualização de informação, mas de constrições impostas à apreensão da realidade pela metodologia empregue. Por ser assim, os paradigmas através dos quais os cientistas sociais objectivam transmitir uma visão ampla da realidade social privilegiam, no trabalho de apreensão, o que se supõe ser estável, quer dizer, o que é parametrizável, pondo-se de parte o que é descontinuidade, inovação, criatividade. Ora, a compreensão da realidade social, e nisto o *historiador analítico* ? com o seu olhar retrospectivo e prospectivo ? encontra-se numa posição privilegiada, requer a antevisão do *vir a ser* que só a imaginação produz.

Não basta armar-se de instrumentos metodológicos formalizados para alcançar um determinado objectivo. Na engrenagem à qual fomos conduzidos pela civilização industrial, compreender a realidade e fazer o conhecimento avançar, implica em se adoptar uma postura que aposte na criatividade e afirme a coragem para se arriscar na busca do incerto. Além disso, as ciências sociais admitem a evidência de que a vida humana é, em grande parte, um processo criativo consciente, o que implica em que se postule o *princípio da responsabilidade moral*. Daí há que se admitir a necessidade de compromisso ético com determinados valores, bem como de perfilar ao lado de forças sociais cuja acção seja levada a efeito em função de interesses colectivos.

De resto, cabe assinalar que a ordem histórica da investigação e da elaboração de conceitos é distinta. E não se trata de uma distinção ?acidental? ou derivada da ?falta de rigor metodológico?. Pelo contrário. Ela resulta de que as categorias e teorias são formuladas na prática política e na prática intelectual de um conjunto de pessoas socialmente situadas.